QUEM ESCREVE O QUE SE COME? RECEITAS DE COZINHA, COMIDA, CULTURA E PODER

MACIEL, Guilherme Ramos
Graduando do Curso Superior de Tecnologia em Gastronomia da Universidade Federal de Pelotas
guilhermeramos45681@gmail.com

BENEMANN, Nicole Weber
Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas
nikawb@gmail.coml

A comida pode ser compreendida como uma forma de linguagem social. Conforme afirma Lévi-Strauss (2004), "a cozinha de uma sociedade é uma linguagem na qual ela traduz inconscientemente sua estrutura", evidenciando que, ao analisar as práticas alimentares de um grupo, torna-se possível compreender suas crenças, padrões de comportamento e formas de organização social e política. Sob essa perspectiva, a alimentação não é neutra: a comida gera pertencimento, molda identidades coletivas, transmite as hierarquias sociais e expressa preconceitos presentes na sociedade. As receitas de cozinha evidenciam o que se come, como se prepara, quem cozinha e para quem se cozinha. Tais escolhas não são neutras, mas socialmente construídas, refletindo hierarquias de classes, divisão de gênero e as relações de poder que atravessam os sistemas culinários. Desse modo, o registro de uma receita não só preserva identidade e práticas culturais, como também legitima determinados modos de fazer e de comer, ao passo que marginaliza outros saberes e práticas que permanecem na oralidade.

Conforme aponta Woortmann (2006), os hábitos alimentares não apenas nutrem o corpo, mas desempenham um papel central na construção de identidades sociais, ao mesmo tempo em que podem reforçar distinções culturais e etnocentrismos. Dessa maneira, a comida constitui-se como uma das fontes de narrativa da memória social, já que expressa escolhas, identidade e modos de vida. Para além de seus sentidos simbólicos, a comida encontra-se imersa em valores políticos e em contextos históricos situados, sendo atravessada por relações de poder. Nesse processo, as classes socialmente dominantes tendem a legitimar determinados sistemas culinários e os significados a eles atribuídos, especialmente por meio

da publicação de receitas de cozinha. Assim, a escrita culinária assume um papel central na validação de práticas alimentares consideradas legítimas.

As reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho buscam compreender as receitas de cozinha para além da lógica da operacionalização de instrumentos técnicos voltados à elaboração culinária. Ou seja, buscamos investigar as receitas de cozinha enquanto artefatos histórico-políticos, profundamente atravessados por relações de poder, simbolismos e disputas sociais. A partir da pesquisa exploratória e da análise das ideias de autores como Appadurai (1988) no texto How To Make a National Cuisine: Cookbooks in Contemporary India, e Goody no texto Cocina, cuisine y clase (1995), entendemos que as receitas operam como dispositivos de legitimação de saberes e práticas, contribuindo para formação e manutenção de hierarquias sociais, culturais e simbólicas.

Tais registros geram influência no desenvolvimento cultural e culinário de um povo, podendo atuar de maneira positiva ou negativa. Conforme argumenta Appadurai (1988) a cozinha nacional indiana não constitui uma herança imutável ou natural, mas uma construção histórica moldada por crenças religiosas, pela diversidade regional, linguísticas e pelo sistema de castas. A partir disso, é possível compreender que as receitas desempenham um papel estruturante no desenvolvimento cultural de determinados grupos sociais, uma vez que a construção é atravessada por dinâmicas políticas onde o saber registrado tende a ser legitimado quando oriundo da classe dominante e com maior poder financeiro-político.

Nesse sentido, Goody (1995) compreende a culinária como um fenômeno atravessado por esferas políticas e históricas, não apenas como uma expressão cultural e simbólica. Para o autor, a alimentação atua como parte constituidora do Estado, das relações de poder e até mesmo da organização social, contribuindo para a reprodução das desigualdades sociais. Assim, ao serem registradas por escrito, as receitas passam a codificar técnicas, normas e hierarquias, tornando a alimentação um ponto de observação privilegiada das divisões sociais e dos processos de estratificação.

Dessa forma, evidencia-se a distinção proposta por Goody (1995) entre a “alta cozinha” e “baixa cozinha”. A “alta cozinha” caracteriza-se pela detenção de saberes culinários refinados, pelos registros escritos, pela estilização e sofisticação dos pratos, bem como pelo domínio de regras de etiqueta e pelo acesso privilegiado a insumos considerados especiais pelas classes sociais dominantes. Em contraste a “baixa cozinha” caracteriza-se como as práticas cotidianas, popular e majoritariamente transmitidas pela oralidade. Essa

distinção não apenas reflete, mas contribui para a reprodução das desigualdades sociais.

Sob a perspectiva da gastropolítica, em diálogo com as reflexões de DaMatta (1987), as receitas consolidam-se como um espaço de privilégio, nos quais são estabelecidas práticas legitimadas e práticas esquecidas ou desvalorizadas. Nesse processo, ingredientes e técnicas passam a operar como marcadores de gênero e de classe social, ao mesmo tempo em que revelam dinâmicas mais amplas relacionadas ao colonialismo, à globalização e à mercantilização das cozinhas regionais. Assim, os sistemas culinários mostram-se como não neutros, caracterizando-se como campos de disputa política.

Por fim, ao compreender as receitas como registros situados no tempo e no espaço, atravessado por sentidos simbólicos e histórico-políticos, o presente trabalho contribui para a ampliação do debate acerca da interpretação das receitas enquanto fenômeno histórico-político. Ressalta-se que a escrita não apenas mantém culturas vivas e salvaguarda saberes, mas também atua na conformação das sociedades, ao legitimar práticas e discursos de interesse das classes dominantes. Nesse sentido, elucidar as receitas como artefatos políticos permite problematizar os processos de formação da identidade, da cultura e das memórias alimentares, abrindo possibilidades para pesquisas futuras sobre a comida, relações de poder e identidade. Além disso, evidencia-se a importância da análise antropológica da alimentação como ferramenta crítica para compreender as dinâmicas sociais contemporâneas e os processos de legitimação cultural.

Palavras-chave: receitas de cozinha; cultura; poder; política;

REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. ***How to make a national cuisine: cookbooks in contemporary India.*** American Ethnologist, v. 15, n. 1, p. 3–24, 1988.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

GOODY, Jack. **Cocina, cuisine y clase.** Barcelona: Gedisa, 1995.

LÉVI-STRAUSS, Claude**. *O cru e o cozido*.** Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

WOORTMANN, Klaas. **Hábitos alimentares, identidade e etnicidade.** In: CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Wanda Diez (orgs.). *Antropologia e nutrição: um diálogo*

possível. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.